

LEDA JESUINO DOS SANTOS

*COMEMORAÇÃO DOS 20 ANOS
DA FAGED-UFBA*

Salvador — 1989

*As amigas
Leda Jesuino dos Santos,
Com a admiração,
procurando a
fortaleza
amizade*

LEDA JESUINO DOS SANTOS

*Leda Jesuino
Salvador
1990*

COMEMORAÇÃO DOS 20 ANOS DA FACED - UFBA

*Palestra da Professora Leda Jesuino
dos Santos na Faculdade de Educação
da Universidade Federal da Bahia, em
comemoração dos 20 anos da FACED —
UFBA.*

DISCURSO PROFERIDO EM 16-10-1989

COMEMORAÇÃO DOS 20 ANOS DA FACED-UFBA

Apenas por uma imposição formal dirigimo-nos inicialmente ao corpo diretivo desta casa, honradas pelo convite e agradecidas pela assistência. Porém, é no mesmo nível de emoção que nos acercamos mentalmente, num abraço amplo, a todos os que para esta casa vieram e aqui ficaram como colunas mestras do alicerce a ser construído: professores, técnicos, funcionários e alunos, esse "todo" que permite o fluxo contínuo do viver esta e nesta instituição.

Com uma reverência especial e um profundo sentimento de gratidão, nos colocamos ao lado dos nossos queridos colegas e amigos que hoje, pelas circunstâncias pessoais e legais de uma aposentadoria, não mais aqui permanecem, com os quais esta Faculdade contraiu o maior débito que uma instituição pode contabilizar: aquele decorrente da vontade de realizar um ideal, de planejar com idealismo e operacionalizar com realismo. Aos muitos destes aqui presentes, ainda afetivamente ligados aos seus valores, o nosso mais sincero agradecimento pelo que puderam encontrar em nós, de força e coragem para a estruturação desta Faculdade no seu momento decisivo e crucial.

Paira no ambiente, entretanto, neste instante, porque real no coração de todos, a presença forte, marcante e significativa daqueles que já se foram. A nossa mais profunda homenagem aos professores Tobias Netto, Luiz Rogério de Souza, Maurício José Raynal, Judith Endraus, Expedito Nogueira Bastos, Juscelino Barreto dos Santos, Celeste Alves de Souza e aos funcionários Brigido Moreira Santiago Junior, Carlos José Rodrigues, Cícero Melo, João Pericles de Lima, Eduardo Jesus Barbosa, José dos Santos França e todos os que se encontram não muito distantes, no domínio ignorado das correntes

imperceptíveis, onde o aparente mundo silencioso se rompe abrindo-se ao império do “infra-som”, do indefinido ser ou do campo de Einstein...

Hoje, como sempre, encontramos-nos nesta casa, sem constrangimentos. Aliás, muito ao contrário, descontraidamente nos permitimos estar neste ambiente, envolvidos na atmosfera de luta por ideais, no clima de embates intelectuais pelas verdades que representam a conquista de cada qual. E não é possível esquecer o velho Heráclito, da Grécia Antiga: “a luta é a mãe de todas as coisas”, dizia ele, porque no seu mundo “nada é e tudo vem a ser”, num contínuo fluir, na incessante mutação da vida.

É por nos sentirmos envolvidos — como não poderia deixar de ser, estimulados pela afetividade daqueles raros espécimes humanos que ainda deixam que seus corações falem, sem se sentirem fora do contexto materialista do mundo contemporâneo —, a nossa fala não é e nem pretende ser a assertiva categórica de verdades plenas. Vimos para servir, na conotação mais metafísica que a palavra possa ter. E serviço não provém de um interesse prático por algum resultado específico. É imprescindível que, quando nos dispormos a servir nossa ação seja desinteressada. Precisamos sair de esquemas viciados da atividade, só e exclusivamente interessada em resultados práticos e objetivos.

Aqui estamos para compor o ambiente; talvez até faça parte da decoração. Não sabemos bem, mas, é possível. Nunca se sabe se nossa imagem faz parte exatamente do contexto, se o integra na mais perfeita sintonia ou se o desvaloriza com o grotesto, o absurdo, o feio, o inadequado ou simplesmente o ridículo.

Nunca se sabe, sobretudo quando se trata de um velho mestre na realística visão dos encontros e desencontros, dos versos e dos “controversos” existentes nas amareladas páginas do livro da vida.

A um velho mestre que não se pode permitir após ter vivenciado os encantos e os desencantos na árdua seara da educação esperar a salvação através de remédios milagrosos e soluções salvadoras como se pretende que seja a nova Lei de Diretrizes e Bases em período de incubação, aliás, ou através de medidas estruturais de caráter sócio-político como afirmam outros.

Nós, mulheres, escreve ironicamente uma jornalista americana, seguimos um destino que nos diz que devemos começar a nos incomodar com a velhice no meio do 1º ato de uma peça de 3 atos. Sentimo-nos já no 3º ato. Com a serenidade que o tempo confere e as rugas acentuam, torna-se possível uma Weltanschauung não contaminada, uma visão holística do mundo e, conseqüentemente, dos problemas que o afligem, os quais desembocam nas águas revoltas da temática educacional, cuja extensão e grandeza parece hoje, mais do que nunca, de difícil mensuração, mesmo no século da medida e do quantitativo.

Numa casa de educação esta temática torna-se, evidentemente, como não poderia deixar de ser, significativa e primordial.

Numa Faculdade que pretende tornar esta temática centro de sua própria razão de ser, as questões educacionais polarizam os esforços e concentram as atenções para discuti-las, sob as mais diversas óticas, dissecá-las sob os mais diferentes ângulos, passando-os pelo crivo das ciências sociais e exatas, ciências básicas que as sustentam e lhes oferecem os subsídios necessários ao seu progresso tanto no plano teórico como na práxis do que fazer educacional.

Só que esse “pensar” e esse “fazer”, por força do próprio imperativo categórico da instituição, devem ter e têm, efetivamente, um endereço certo e um objetivo definido que é, sem dúvida, educar os educadores para um sistema social no qual o valor econômico vem se tornando o maior e principal interesse, sobretudo nas sociedades ocidentais, onde a sua predominância já é reconhecida. Muito embora nem todos concordem que o valor econômico seja absoluto e o considerem como nitidamente instrumental, ele se coloca frente aos sistemas educacionais e aos educadores, como fator significativo.

A própria complexidade do problema se faz sentir quando mesmo em torno desse valor econômico muitas dúvidas são levantadas e as discussões tornam-se ferrenhas e radicais, levando a argumentações que se colocam em campos de pensamentos diversos e, muitas vezes, controversos. Para Marx, por exemplo, o valor do produto deriva do trabalho gasto na produção, mas, nos países marxistas os que mais gastam na produção não recebem o valor deste produto. Na Polônia os sindicatos pretendem reduzir as horas do trabalho, para que cor-

respondam aos anseios pessoais do ser humano. Para Alfred Mashal quatro fatores são determinantes do valor do produto: o trabalho, mais terra, mais organização, mais capital. E o conceito do valor econômico sofre abalos como estes: qual é o valor da troca de mercadorias, se no decorrer dos séculos tivemos todos os tipos e formas de valores para as mesmas mercadorias? O que significa realmente um mercado? O que é a operação dos preços nos valores econômicos? E desse modo, com todo o esforço da economia como ciência, para análise destes conceitos estamos dentro de um desastre econômico sem saber como sair dele e continuamente ameaçados por novos fracassos.

Esta questão é tão crucial, dentro da problemática da educação para o momento presente que assim ela foi colocada ao grande educador alemão Hartnut von Hentig na sua famosa entrevista dada à revista "Lufthansa's Germany". A economia tem sido o principal, se não o exclusivo interesse na década de 80. Até que ponto deve o educador subordinar-se às necessidades econômicas do presente?

Deve a educação tornar-se simplesmente um meio em função de uma economia dita saudável?

A sua resposta vale a pena ser analisada.⁶ Certamente não. As reformas não têm sido pedagógicas, concernentes ao desenvolvimento da criança, mas, concernentes com o "ser moderno, o ser econômico, eficiente e útil"; elas são superficiais e objetivam alcançar efeitos políticos, estruturais e quantitativos, não qualitativos. As mudanças organizacionais têm precedência. Ninguém está interessado nas idéias educacionais como individualização, aprender fazendo pela experiência e erro, a interação social, e a alta noção de responsabilidade.⁷

Como se pode concluir, ao educador que hoje se senta na tábua redonda dos questionamentos da massa crítica do mundo atual, seja no leste ou no oeste, nos países socialistas ou capitalistas, depara-se com a necessidade imperiosa de buscar alternativas de solução para conflitos de ideologias e inquietações existenciais que pululam, seja na área da macro ou da micro-educação, seja a nível de 1º, 2º ou 3º graus, na educação inicial ou terminal — a famosa educação para a morte —, na pré-escola ou na vasta área do adulto abrangendo o velho, a mulher, o deficiente e o sadio, o rico e o pobre, incidindo

sua ação na área cognitiva, afetiva ou valitiva, seja na educação do corpo ou da mente do homem moderno, do hemisfério direito ou esquerdo do seu cérebro.

E não estou falando de utopias. Não é apenas no exterior que grandes universidades investigam a interação mente-espírito-matéria, mas é na Unicamp, em Campinas, que os professores Waldyr Alves Rodrigues Junior e o Gilberto de Matos Gualbert, docentes estes responsáveis por uma parcela significativa da produção científica da Universidade, estudam os fenômenos ligados ao hemisfério direito do cérebro.

Em 1983, organizaram o 1º Simpósio Brasileiro de Espiritualidade e Psicobiofísica, tentando romper a forte estrutura de poder da ciência oficial e ortodoxa que pretende resolver todos os problemas e desvendar sozinha os mistérios da natureza.

Um encontro sobre a fenomenologia da morte tornou-se na Unicamp um referencial significativo para a Tanatologia, que é campo específico da psicopedagogia. Os educadores americanos falam, hoje, sem nenhuma restrição, na educação para a morte, quando nas clínicas de doentes terminais os psicopedagogos se debruçam em pesquisas científicas das mais sérias, apoiadas por grandes universidades.

Como se sabe, a educação, hoje, aqui e agora, não é uma palavra "leve", fluida, capaz de nos conduzir suavemente a algum lugar de paz e calma. É, bem ao contrário, uma palavra densa, pesada, carregada de sombrias elucubrações, trazendo no seu bojo, mais problemas que alternativas de soluções, mais rigidez que flexibilidade e, nestes dias quentes de outubro, mais politicagem que política. É uma palavra de muitas capas e muitas faces, maleável demais, capaz de, por si só, salvar ou matar. E, como se não bastasse, é insidiosa, caminha às vezes por sendas perigosas e veredas estreitas. Por isso mesmo sedutora. Na boca dos políticos ela é a chave enganadora de muitas portas. Na linguagem dos educadores ela é o enigma constante de todos os dias, que os conduz a incessantes esforços para decifrar-lhe os recônditos profundos da sua própria essência. Nos lábios dos pais e mestres ela se torna embaraçosa e escorregadia, controversa e difícil de ser apreendida. Educação nos livros e na mente dos filósofos

sofos é uma palavra por demais complexa para ser debatida só por educadores e economistas. Educação, como dizem os alemães, soa como uma palavra técnica.

No seu grande bojo estão, como nunca estiveram, problemas de várias categorias, todos eles imbricados de tal modo que se nos afiguram como fios de uma mesma meada embaraçados num “todo” complexo, tornando-se difícil ao teórico da educação encontrar a ponta do fio principal com o qual vai conseguir, cartesianamente, fiar a malha da simbólica camisa que terá necessariamente que vestir. Precisar-se-á dela para enfrentar a luta no campo árduo e difícil do “que fazer pedagógico” que é o fervente caldeirão educacional, no qual sempre todos nós estivemos “ardendo”.

No momento que uma Faculdade de Educação marca sua presença há vinte anos no cenário educacional de sua comunidade, cabe-lhe, sem dúvida, debruçar-se nesse caldeirão e endereçar suas reflexões e seus questionamentos para os problemas cruciais que são postos aos educadores; cabe-lhe sensatamente discernir neste amálgama complexo, o essencial do acidental.

E talvez nesse momento a grande porta aberta seja a axiológica, apesar do anátema de Karl Marx aos valores que leva os marxistas a declararem que a discussão sobre eles carece de interesse e de sentido e expressa apenas o pensamento do academioísmo burguês.

No momento em que o mundo atual foi transformado numa máquina que se chama sistema social, no qual é mais do que evidente a grande transformação, torna-se imperioso buscar alternativas para a crise das ideologias tradicionais, a ideologia rígida da ciência no mundo capitalista e desumano e o grande equívoco, como diz Humberto Ecco de que o marxismo seria “uma ciência e não uma filosofia ou uma hipótese política”. Foi um equívoco, diz ele, comum a muitas pessoas, concluindo então que é necessário encontrar novas formas de reflexão sob os defeitos dos vários sistemas político-econômicos, que não sejam prisioneiros de ideologias rígidas identificadas com a ciência.

A educação está neste fogo cruzado e nele os educadores são pressionados pelo seu próprio tempo histórico a refletir e debater, sem preconceitos de direita ou de esquerda, tentando vislumbrar a

luz num momento conturbado, no qual se obtém falsas conclusões a partir de premissas verdadeiras.

“É um desafio dramático e apaixonante porque não temos mais textos sagrados”, adverte-nos o famoso autor do “Pendulo de Foucault” e Sartre o coadjuva: “Estamos sós no mundo e sem desculpas...”

Discute-se até que ponto os intelectuais se devem engajar nas causas políticas e sociais, identificadas com partidos ou movimentos políticos, com envolvimento em uma ideologia específica.

Acredito que a universidade deva ser um campo aberto, onde buscadores da verdade, com a sua visão crítica das estruturas do poder, redefinam constantemente suas posições na luta pelo encontro de soluções alternativas que abram novas perspectivas para a humanidade.

Essa visão crítica deve ser aguçada, desenvolvida numa linha filosófica autêntica, ou seja, de contínua procura com a serenidade da sabedoria, não com a arrogância do saber.

Certa vez, diz uma lenda, pelas estradas afora ia um cavaleiro andante, numa irrefreada cavalgada que abalou os caminheiros que lhe perguntaram então: para onde vais, cavaleiro? Perguntem ao cavalo, respondeu ele irresponsavelmente.

Não percorramos sem rumo e sem valores, a nossa estrada. Não deleguemos a outros a orientação do jovem. Nós todos somos responsáveis no que diz respeito à rota que o mundo vai tomar.

A cada um de nós está entregue as rédeas. E tomar as rédeas significa enfrentar para debater os intrincados problemas que são postos na mesa do educador que, numa Faculdade de Educação, deve encontrar o local mais apropriado para o fórum de debates e diálogos mais profundos.

Das muitas questões que têm sido postas aos grandes educadores, algumas nos parecem de grande destaque, e têm sido mais freqüentes. Qual tem sido a posição do educador na era do computador? Apesar das divergências, há uma consciência clara de que o melhor uso que a educação pode fazer do computador é deixar que os estudantes ensinem o computador a resolver seus problemas, isto é, programar bem o computador.

E para isso eles devem e precisam ter uma visão clara e aguda do problema, o que significa aprender a ^{pensar} precisar. Ele é portanto um desafio para um melhor entendimento da questão que se deseja solucionar. Em geral, nem se sabe como formular o problema, o que significa não saber pensar.

Outras são de maior densidade. Pode haver uma reforma educacional sem uma reforma social? Pode haver realmente uma reforma? A palavra reforma tem sido mal usada. Na realidade, nós, educadores, sabemos que nem a sociedade, nem o sistema educacional pode ser reformado por um ato deliberativo de qualquer governo ou por qualquer enunciado de querer fazer isto ou aquilo, desta ou daquela maneira. Mas, evidentemente, que há pequenas mudanças que são reformas reais. Sobretudo quando essas mudanças não são exteriores, são transformações vividas no interior de cada ser humano.

Indagado sobre qual seria o propósito da educação, especialmente no nível secundário, se oferecer conhecimento, se desenvolver habilidades ou se “ensinar a aprender”, o professor Harmut von Hentig,¹ que não se situa com os tradicionalistas e conservadores nem com os progressistas e liberais, responde: “penso que se precisa de tudo, de habilidades, de conhecimento, mas, sobretudo, de atitudes de coragem, honestidade e senso de propósito”. As habilidades e o conhecimento se podem obter no desenvolver do trabalho. É muito mais difícil de obter a reta atitude diante da vida, tornar-se uma pessoa desejosa de assumir responsabilidades, compreender o que é novo, uma pessoa na democracia desejosa de influenciar na decisão pública. Adquiridas estas atitudes, adquirir-se-á depois o conhecimento de que se precisa. Primeiro ser um filósofo, um indivíduo que “quer saber”.

A crise em que o mundo se encontra está levando a alguns educadores a suscitar reflexões para sair dela, para se livrar dessa situação que alguns americanos estão chamando “o crepúsculo das metas” em torno da necessidade de uma redescoberta de um objetivo básico educacional. Segundo Harold Shane², diante do problema ecológico, “a aprendizagem para a sobrevivência” tornou-se uma nova

1. HENTIG von Harmut in Lufthansa's. Germany. 37 Issue 6/88, pág. 25.

2. SHANE Harold. A redescoberta do objetivo da educação. in Educational. Leadership nº 28, págs. 245-49, december, 1970.

meta central da educação contemporânea e já se fala em “kits” que ajudarão o homem a entrar no próximo século mais aparelhado para construir um meio ambiente nutritivo, adequado à habilitação da espécie humana. Deseja-se um “comportamento de sobrevivência” para evitar a ameaça do homem a si mesmo”.

Em todos os pronunciamentos que pontificam no panorama da inteligência crítica que analisa a educação contemporânea estão presentes as mesmas preocupações: educação para o trabalho **versus** educação pelo trabalho, generalização **versus** especialização, o acadêmico-geral **versus** o profissionalizante-vocacional. As querelas se travam em torno das necessidades do sistema social, não das necessidades individuais. Será que é mais importante o conhecimento de tudo para todos ou o conhecimento que todo mundo deve ter? Será que o mais importante não é obter um conhecimento que permita transferir, que seja capaz de generalização?

Será que o mais importante não é ter uma mente aberta e estar sempre lembrando aquele velho provérbio budista: “quando apontamos o indicador para alguém, três dedos estão nos apontando”.?

A capacidade de autocrítica é chave básica para as redefinições.

Por que se perdem os planejamentos na montagem estrutural de suas estratégias de operacionalização, quando são muitas vezes fincados em ideais que o inspiram e o finalizam?

Por que fraquejam os projetos de excelente teor pedagógico fundamentados todos numa teleologia do que fazer educacional?

Simplesmente porque as idéias caminham através das pessoas e as pessoas reagem de acordo com a sua afetividade que se expressará em comportamentos produtivos e compromissos na medida em que acreditam no que fazem.

E na esfera da pessoa é bom convir com Ortega y Gasset: “Eu sou eu e minhas circunstâncias”, afirmava ele. E como são terríveis e ao mesmo tempo tentadoramente desafiadoras para os jovens as circunstâncias! Passemos rapidamente por estas circunstâncias dentro de uma concepção dialética do homem com a realidade.

No 1º Congresso Internacional de Médicos para a Prevenção da Guerra Nuclear, reunido em Airl, na Virgínia, em 1981, estas foram as conclusões oficializadas:

“A população será destruída: mais de 200 milhões de homens, mulheres e crianças serão imediatamente mortos; mais de 60 milhões serão feridos; entre os feridos, 30 milhões terão experiência de doenças radioativas, 20 milhões experimentarão traumas e queimaduras e doenças radioativas.

Os recursos médicos serão incapazes de corresponder às necessidades decorrentes das feridas causadas pelo sopro atômico, pela energia térmica e pela radiação: 80% dos médicos morrerão; 80% dos leitos de hospitais serão destruídos; estoques de plasmas sanguíneos, antibióticos e drogas serão destruídos ou sofrerão danos seriíssimos; alimentos e água serão extensivamente contaminados; meios de transportes e comunicações serão destruídos.

O efeito sobre os países vizinhos será incalculável.

A defesa civil será incapaz de mudar as condições de morte e devastação descritas acima.

O desastre terá consequências contínuas posteriores; a produção de alimentos será profundamente modificada; a desordem será um problema permanente; os sobreviventes com imunidade afetada, má nutrição, insanidade ambiental e problemas expositivos graves serão sujeitos a infecções entéricas graves.

Profundas mudanças climatéricas ocorrerão como consequência das partículas e redução do ozônio atmosférico acompanhadas de alterações profundas no homem, nos animais e nas plantas.

Entre os sobreviventes, a longo prazo haverá um aumento apreciável de leucemia e outras doenças malignas, mais graves ainda para os que eram crianças na época da exposição.

O aviso dos médicos pode resumir-se numa frase: “chega de ilusão: ninguém se salvará de uma guerra nuclear; a contaminação atômica não conhece nacionalidade nem opinião pública”.

A explosão demográfica continua, o aumento populacional é irrefreado. Para usar um termo matemático, a curva, segundo o censo de 1980, é assintótica, isto é, passando do horizontal indo para o vertical e, segundo alguns cientistas, “a massa de carne humana corresponderá à da massa da terra”. A explosão demográfica trouxe a explosão energética, a explosão armamentista e a explosão de conhecimentos.

As mulheres feministas radicais chegaram a propor ao mundo científico dos Estados Unidos que fosse diminuído o período de gestação (de 9 para 6 meses), a fim de apressar o reingresso da mulher na força-trabalho. Recentemente, o monumento feminista fez um apelo aos legisladores americanos no sentido de permanecerem os pais cuidando das crianças quando na família fosse maior o salário da mulher. A educação da mulher como peça básica no processo desenvolvimentista é um capítulo especial, envolvendo teorias as mais diversificadas no campo da sociologia, da biologia, da psicologia social e sobretudo da economia. E os futurólogos como Schreiber e Tofler afirmam que a sociedade industrial está chegando ao fim. Uma nova sociedade está despontando, quer se chame sociedade da informática, da cibernética ou simplesmente sociedade mutante. E, realmente, há sinais de mutação. Busca-se desesperadamente no meio dos conflitos a PAZ sonhada, e 1986 foi consagrado o “Ano Internacional da PAZ”, para que cada um de nós, no silêncio interior de seu ^{microcosmos}, comece a crer nesta indiscutível verdade: evitar a guerra nuclear por todos os meios lícitos possíveis é dever de todo ser humano. E surge a Global Education, a Educação para a PAZ, diversos nomes dados a um movimento existente nos círculos internacionais da educação, o que demonstra um interesse crescente em criar materiais e programas que preparam a juventude para viverem num mundo interdependente.

Organizações tais como Internacional Peace Research Association, com sede em Oslo; Peace Research Institute, Frankfurt; One World Trust, em Londres; e muitas outras, preparam jovens para que valores como justiça social, bem-estar econômico, equilíbrio ecológico susten-

tem a paz desejável entre os homens. Vale a pena consultar David Spangler:

“Trata-se de aprendermos a viver de modo leve sobre a nossa terra, tanto no sentido de não sermos um fardo ecológico inútil, como no de sermos uma fonte de iluminação pela qualidade de nossas vidas. Estamos temerosos da depressão econômica? Começemos, então, a agir com caridade, a dividir e a descobrir a verdadeira economia de comunidade. Estamos com medo da guerra? Afastemos então a violência em nós e desenvolvamos a harmonia com os nossos inimigos, fazendo o esforço de compreender e aceitar os seus pontos de vista sem necessariamente sacrificar os nossos, porque a harmonia não é uma capitulação unilateral. Estamos recriando catástrofes geológicas? Esforcemo-nos por compreender a terra. Os homens, as mulheres de boa vontade podem ter opiniões diferentes quanto às táticas de transformação, mas a orientação em direção à qual aponta a espada, se torna clara e geralmente aceita. Ela visa, geralmente, a maior integridade e unidade entre nós e com o nosso mundo, a aceitação do nosso papel de guia da terra muito mais do que explorador. No futuro, microcomputadores ligados a satélites colocarão toda informação disponível à disposição de crianças e adultos. Isso poderá ser na própria casa ou na comunidade; imensas redes intercomunitárias permitirão uma comunicação instantânea, o que muito irá favorecer o desenvolvimento de uma grande fraternidade humana. Apoiar-se sobre governos, recorrer a organizações e autoridades, para esta paz deve começar pelo conhecimento de si mesmo, e isto consiste em criar um novo conflito ainda mais sério: é que não pode haver felicidade duradoura enquanto aceitamos uma ordem social que comporte lutas sem fim e um estado de antagonismo entre o homem e o homem. Se queremos mudar as condições existentes, devemos em primeiro lugar nos transformar a nós mesmos, isto é, tornarmo-nos conscientes dos nossos pensamentos e sentimentos da nossa vida cotidiana.

A PAZ não se obtém por nenhuma legislação. Ela só sobreviverá no momento em que nós, como indivíduos, co-

meçarmos a compreender os nossos próprios processos psicológicos; se recusando a responsabilidade que comporta a ação individual, esperarmos que um sistema nos traga a paz, estaremos dentro da escravidão.”

A educação não tem mão única. É imprescindível desenvolver uma nova atitude diante da vida, um novo “way of life”, fazer a revolução interior, tornar o homem interessado no “meaningful philosophy of life”, uma filosofia de vida que lhe atribua um autêntico sentido.

Não se trata de regras moralizantes. A interface da educação com a ética é delicada. Digo ética, não moral, aliás, a moral formulada, diz André Berge³ é somente uma caricatura da moral.

A moral corresponde a princípios formulados e procura normas universais. A ética não é a moral de obrigações e punições, é, ao contrário, uma maneira de viver, não um regulamento de vida; aproxima-se mais da experiência vivida e sentida e permanece no plano individual sem pretender constituir leis. Luiz Borges⁴, um dos mais lúcidos escritores sul-americanos declara-se ser “um homem ético”. A ética é uma ciência ou uma arte que parecem perdidas; devemos tratar de merecê-las e recuperá-las”.

É necessário que se faça a escolha entre Éros e Tanatos, o amor ou a agressividade, o espírito da paz ou a combatividade.

No momento em que o valor econômico é consagrado no mundo materialista em crise e ao mesmo tempo um jovem pedagogo, Leo Buscaglia, assume na University of Southern California uma disciplina intitulada “Love 1 A”, com 300 alunos em classe e uma lista de espera de 600 candidatos, torna-se impossível ao educador passar ao largo.

No momento em que se declara enfaticamente que o século é o século do medo, medo de errar, medo de poder, medo de sonhar, medo de amar, “medo de ter medo do medo”, é mais do que imperioso ao educador que se propõe formar educadores, enveredar-se pela filosofia, pela ciência em busca de rumos.

3. BERGE, André. Ética na Educação. In: Educar para o Futuro. 1978.

4. BORGES, Jorge Luiz. O pensamento vivo de J. L. Borges, pág. 100, Martin Claret Editores.

Que rumos deverá traçar a educação? Que propostas suscitar na grande discussão que a educação terá de travar mais dia menos dia com a ciência e a filosofia do nosso tempo? Em que linhas de força se fundamentará a educação para interagir com a religião e o misticismo na busca de Deus?

Repetir indefinidamente seus jargões político-sociais-pedagógicos, metodológicos de uma ciência ortodoxa já se superando, de uma religião que perdeu a sua essência nos dogmas e nos ritos de uma exteriorização vazia, ou nas falas de uma política partidária, contaminada pelos vícios e atrelada nos escusos interesses da dominação e do poder?

Que rumos deverá tomar a educação? Deter-se apenas em elucubrações e discussões estéreis em torno de teorias pedagógicas tergiversantes e unilaterais ou oferecer ao homem de amanhã — que hoje lhe bate à porta e se constitui a sua clientela — as perspectivas de concepções mais abertas que não estejam limitadas ao hemisfério esquerdo do cérebro, mas que lhe permitam desenvolver novas potencialidades dentro de si mesmo, que lhe permitam sentir-se vivos e co-participantes da busca da unidade na multiplicidade, da sua integração com o cosmo?

O que é verdadeiramente essencial na temática educacional?

O que é necessariamente um homem educado? Será aquele que aprendeu a buscar os instrumentos para ser feliz ou será aquele que assimilou a ciência para o poder e o sucesso atormentado pela angústia existencial?

O que se terá primordialmente de desenvolver no educador de amanhã para que o “sentido do maravilhoso”, já obscurecido pelas desumanas circunstâncias, ressurgja vitalizador e atuante na personalidade do educando?

Será que antes de reciclar professores, equipar escolas, torná-las comunitárias, discutir currículos e conteúdos programáticos, de formar técnicos e reuni-los em numerosas e longas discussões, não devemos indagar qual a necessidade mais profunda da nossa era e que cosmovisão deve ter o homem educado para conquistar a sua felicidade num mundo mais humanizado?

Será que estas palavras do Rajiv Gandhi agora na Índia são simples palavras ou está ínsita nelas toda uma política humanista a

desabrochar? “Não é suficiente apenas falar sobre o progresso econômico e os ganhos econômicos. Temos de desenvolver um melhor ser humano na Índia”.

Será que o vazio espiritual de que nos fala Malraux, não no sentido de religiosidade, mas no sentido do espírito que quer se encontrar a si mesmo, é apenas um mero e simples vazio existencial?

Será que não convém aos educadores indagar o porquê dos 50% dos leitos hospitalares nos EUA serem ocupados por doentes mentais?

Ou mesmo por que na França, entre os 17 aos 25 anos, 7.000 jovens se matam por ano? E por que no Brasil as estatísticas não são muito distanciadas destes níveis?

Será que não convém redefinir o excesso de uma educação intelectualizada, quando a educação afetiva e a educação da vontade se impõem como necessidades básicas para o conviver, o atuar num mundo desumano?

O sistema social não favorece nem ao educando nem ao educador, e é muito injusto para com ambos. Sendo assim, até que ponto segundo o progressivismo da teoria de Brameld a educação deverá ser largamente usada no sentido criador com a eliminação de estruturas caducas e funcionando como agência reconstrutora da sociedade? Ou será que a educação é apenas um dos meios eficientes para acelerar o desenvolvimento econômico moderno? Não se pode ter dúvidas sobre a importância da contribuição da educação para o processo geral do desenvolvimento de um país.

O desafio de romper a ciência ortodoxa apenas pela busca da verdade, além do verificável lançado pelos eminentes cientistas do mundo atual, físicos como Bohm, astrofísicos como Stephen Mawking, não pode deixar indiferente o educador. Eles oferecem, dentro das suas pesquisas, o “modelo filosófico e psicológico” de que o educador necessita para formar homens: a reverência à natureza.

No momento em que a ciência alterou totalmente a compreensão do universo, que é agora um campo de energia e não apenas um modelo matemático mecanicista, ofereceu ao educador o exemplo da humildade, duvidando de suas próprias certezas.

A educação não tem mão única. E é nessa linha que a ciência e a filosofia lhe podem subsidiar com suas novas perspectivas, sobre-

tudo a perspectiva de encontrar a unicidade das coisas, homem e natureza, consciência e matéria, com a percepção de que tudo isso pode ser reconciliado.

A teoria do Campo Unificado, o sonho dos sábios do Prêmio Nobel, não está tão distante.

O educador terá de alterar o seu comportamento perante o cosmo e vai compreender melhor que “a herança deixada aos jovens e que constitui para eles a derradeira referência parece ser um presente um tanto envenenado”, desde a bomba de Hiroshima até a corrida desembalada para o que se chama ter sucesso, abdicando da humilde postura que é ter a simples alegria de ser para transcender.

Sabemos que no final do nosso século algumas questões são consideradas inexpressivas e descartáveis. A origem do universo, a imanência e a transcendência, a verdade, Deus, o destino após a morte, são temas, porém, que a filosofia e a ciência vêm assumindo em conjunto na sua busca da investigação da estrutura íntima das coisas.

Será que ao educador, que tem por função formar homens, estas questões podem passar despercebidas? Ou será que é necessário lembrar aqui Louis Malassis: a educação que suscita e difunde a inovação não produz somente “coisas”; ela produz também homens. Ela modifica as atitudes destes, suas relações, o nível de suas aspirações e facilita sua adesão e sua participação no processo de mudança, condição fundamental do crescimento econômico.

A educação pode facilitar aumento do produto ou reduzir-lhe o custo; mas seu objetivo fundamental é o de contribuir para a criação de uma sociedade progressiva, cujos membros se tornem capazes de reinventar sem cessar, novas formas sócio-econômicas de desenvolvimento. E reinventar que, antes de tudo, significa busca incessante do que está além do conhecido para criar algo novo, é uma atitude que ao educador cabe sentir ele mesmo, na sua própria essência, para desenvolver no homem que deseja formar.

E para isso é necessário sentir o élan pelo “querer saber”, e como a criança, sentir o deslumbramento diante da natureza, como o sábio, a reverência pela ordem lógica do cosmo, como o santo, a compaixão pelo necessitado, e como o forte, a luta para combater a fome.

A ciência ajuda ao educador nesta tarefa: aqueles que não sabem matemática acham difícil, diz Richard Feynman, penetrar num sentimento real como o da profunda beleza da natureza.

O que quero dizer é que a abordagem teleológica da natureza posiciona o educador diante da sua proposta profissional — que é educar — num patamar compromissado com determinados valores bem diversos de outros valores, se sua abordagem for simplesmente a mecanicista diante do enigma do universo. Não é à-toa que George Wald, Prêmio Nobel de Biologia, tenha escrito um livro sobre educação: “General Education in a free society”. O mergulho científico na estrutura da matéria pode levar o educador do século XX — a depender da sua sensibilidade — a mudar o seu comportamento diante da vida e a essência da sua atividade profissional de educador; talvez uma das conseqüências seja anular os “ismos” da sua tela mental, porque o espiritualismo e o materialismo perdem o sentido diante da fórmula de Einstein, na qual a matéria é energia. A sua atitude diante da natureza será de reverência, jamais uma atitude ímpia, e a sua visão será holística como a de Dostoiévsky: “um dia virá em que todos compreenderão ao mesmo tempo quanto a sua separação recíproca era contrária à natureza”. Nada parece mais difícil de ver, nos diz T. de Chardin, do que aquilo que está a entrar pelos nossos olhos a dentro. Olhos para ver que a natureza não é uma coleção de dados sensoriais, mas, uma realização única, cuja grandiosidade e beleza podem ser experimentada em vários níveis. O educador precisa estar capacitado para lidar, todos os dias, com as ambigüidades da situação humana; aprender a situar-se como ser humano transcendendo os valores hedonísticos vigentes que é o poder, o dinheiro e o prazer sensorial, substituindo-os pela busca de si mesmo, pela paz interior e a descoberta do outro.

Que sejam suscitadas questões vitais como o objetivo da vida humana, os papéis conflitantes do amor e do ódio, da razão e da fé, da generosidade e da cobiça, da vida e da morte. São questões que libertam a mente, distendendo-a para idéias fundamentalmente importantes para o ser humano.

As palavras de Roger Garaudy se ajustam ao nosso pensar: “as sabedorias e os profissionais dos três mundos nos ensinam que o homem só se torna humano por uma luta incessante contra a pretensão do seu pequenino eu egoísta e exigir-se como valor absoluto”.

Mas a educação tem uma interface com a sociologia e a política. Temo que estas idéias soem, aos ouvidos apressados da “geração sem vaga”, como é chamada a geração das últimas décadas, como utópicas e, pior — ingênuas e descartáveis —, preocupados com um ângulo do problema que consideramos de suma importância, que é a interface da educação com a sociologia e a política. A interdependência entre a escola e a estrutura social não pode ser tratadas como variáveis independentes. A escola, já dizia Jayme Abreu, por ser uma instituição supraestrutural, não pode deixar de apresentar uma dependência necessária das situações infraestruturais.

A possibilidade da formação do professor estar ligada ao processo de modernização da sociedade relaciona-se diretamente como a possibilidade de a educação ser um elemento positivo no processo de transformação da sociedade. Apesar da dificuldade que tem a educação para enfrentar uma transformação de valores, como é sabido, sendo ela essencialmente força conservadora, cresce o número daqueles que lutam para que ela possa ser um meio eficiente de acelerar o desenvolvimento econômico moderno. O risco está no confronto da educação com os economistas que têm a preocupação de salientar a contribuição que o sistema possa ter, quantificável numericamente para o desenvolvimento econômico moderno e, nesta linha de pensamento o desenvolvimento pode ser encarado, não como um meio de tornar a vida humana mais digna, mas, como um fim em si mesmo, para que a educação possa atuar de forma eficaz. O que não é lógico é considerar o desenvolvimento dentro de uma visão tópico-parcializante, nem encarar a solução do problema educacional como a solução de todos os problemas de uma nação subdesenvolvida, como o quer a teoria da causação circular cumulativa de Myrdal ⁵.

A transformação de uma sociedade tradicional com uma economia básica de subsistência, num processo moderno de economia desenvolvimentista e dinâmica, exigiria a disponibilidade de um capital humano altamente qualificado. “Não é o rompimento isolado da particular ação causal de um fenômeno sobre outro que altera a realidade, mas, a dinâmica do processo na sua totalidade, que não conserva nenhum aspecto do real”.

5. MYRDAL, Gunnar. Teoria Econômica e Regiões Subdesenvolvidas. Rio de Janeiro. ISEB, 1960.

Será que em face das descobertas da física quântica e da possibilidade dos cientistas do quilate de David Bohm, de Sheldrake, de Ilya Prigogine, de S. Hawking — todos Prêmio Nobel — tentarem ver o que está além da equação matemática, além da matéria densa, indo até a matéria sutil dos budistas, os educadores desta casa poderiam, nesta reflexão dos seus vinte anos de trabalho e dedicação, adotar a posição científico-filosófica de Einstein? Sustento, diz ele, “que o sentimento religioso cósmico é a mais forte e a mais nobre motivação da pesquisa científica”.

O significado da educação do homem moderno no mundo conturbado de agora requer a humildade do sábio representado pelo pensamento de uma das suas mais notáveis figuras que é Prigogine: “Penso que estamos vivendo ainda na pré-história do entendimento do universo”. E concordando com ele Max Plank acredita que a ciência não pode ainda resolver o mistério último da natureza, porque em última análise nós próprios somos parte da natureza e, conseqüentemente, do mistério que procuramos desvendar.

Nós somos então um mistério? E será que diante da problemática educacional de um mundo em crise essa verdade aguda como um punhal de Sócrates, seis séculos antes de Cristo, enunciou no seu **Gnothi se Auton**, não vai levar o educador à grande viagem dentro de si mesmo, a redimensionar Freud, Jung e a conhecer Maslow e Assagioli?

Essa é a hora de crer. Crer que o início de uma nova humanidade começa com cada um de nós e que mudar o mundo não é uma utopia, é uma filosofia de vida e um modo de ser fundamentada na crença de que nós podemos mudar a nós mesmos.

A hora de começar é agora, nem um minuto a mais, porque o próprio destino da humanidade está nas mãos de cada um de nós.

Se a ciência oferece ao educador os limites da natureza, a ele cabe, como ao filósofo, buscar além, ultrapassar a gotícula do oceano e ir em busca da onda. Após a física quântica, o homem é um microcosmo; o que ele for será o universo. A participação que tem o educador na formação do homem é significativa demais para ser minimizada.

Composto e impresso pelo
CENTRO GRÁFICO DO SENADO FEDERAL
Praça dos Três Poderes s/nº
CEP 70160 — Brasília — Distrito Federal
OS 8368/89 — Novembro/89